

# AS INTERROGATIVAS DE CONTEÚDO NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS FALADO<sup>1</sup>

Erotilde Goreti PEZATTI<sup>2</sup>  
Michel Gustavo FONTES<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo trata dos Atos Interrogativos de conteúdo, comumente denominados interrogativas-Q. Adotando a perspectiva funcional da linguagem e os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional, procura-se explicar as diferentes formas assumidas pelas interrogativas-Q com base no alinhamento entre a codificação dessa estrutura nos níveis Morfossintático e Fonológico e as formulações ocorridas nos níveis Interpessoal e Representacional, centrando-se na questão da ordenação de elementos-Q. Como universo de pesquisa, tomam-se ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha, que dispõe de amostragens das variedades do português falado em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa, no Timor Leste e em Macau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo. Interrogativas-Q. Ordenação de Constituintes. Clivagem.

---

1 Este artigo é resultado do desenvolvimento de dois projetos de pesquisa: um, concluído em 2009, com auxílio da FAPESP (Proc. 2007/07566-9), intitulado “Uma descrição discursivo-funcional dos atos comunicativos nas variedades lusófonas”, e o outro, ainda em desenvolvimento, intitulado “As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional”, também financiado pela FAPESP (Proc. 2009/11676-0), ambos sob a orientação de Erotilde Goreti Pezatti.

2 Professora Doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), UNESP de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ (Proc. 301210/2009-8). E-mail: pezatti@ibilce.unesp.br

3 Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), UNESP de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, e Bolsista da FAPESP (Proc. 2009/11676-0). E-mail: michelfontes2002@yahoo.com.br

## Introdução

Este estudo objetiva traçar uma análise dos Atos Interrogativos de conteúdo, comumente denominados interrogativas-Q, que se caracterizam por conterem uma solicitação do falante para o destinatário preencher uma lacuna de informação existente em sua (do falante) informação pragmática, como se observa de (01) a (06).

- (01) qual é a sua pergunta? (Bras80: CriarFilhos)
- (02) onde é que aprendeu a coser? (To-Pr96: Costureira)
- (03) você trabalha com o padre Horácio desde quando? (Ang97: Meninos de Rua)
- (04) como foi esse acidente? (Bras80: Acidente)
- (05) quantas horas treina por dia um jogador? (PT95: Futebol)
- (06) porque será isso? (PT95:SaberVender)

As interrogativas de conteúdo têm despertado a atenção de alguns estudiosos principalmente no que se refere à ordenação de constituintes, nomeadamente a inversão sujeito-verbo (SV ou VS). No Brasil, destacam-se os trabalhos de orientação formalista de Duarte (1992), Miotto (1989, 1994), Sikansi (1994), Miotto e Figueiredo Silva (1995), Lopes-Rossi (1996), Kato et al. (2002) e Miotto e Kato (2005), que se concentram na ordem dos constituintes nas sentenças interrogativas, baseando-se no *Critério-Q* de Rizzi (1996 apud MIOTTO; KATO, 2005), segundo o qual a ordem VS é decorrente de uma relação necessária entre Spec e o núcleo de CP (cf. MIOTTO, 1994). Lopes-Rossi (1996), por outro lado, ao tratar diacronicamente da sintaxe das interrogativas-Q, verifica as mudanças que essa estrutura sofreu ao longo dos anos e procura dar evidências para o surgimento das interrogativas-Q clivadas, no século XIX, a partir de sentenças clivadas, com extração-WH.

Diferentemente desses estudos, este trabalho adota a perspectiva funcional da linguagem e os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), e procura explicar as diferentes formas assumidas pelas interrogativas-Q com base no alinhamento entre sua codificação no nível Morfossintático e as formulações ocorridas nos níveis Interpessoal e Representacional.

É fundamental para a descrição gramatical proposta pela GDF a noção de atos discursivos que, nos termos de Kroon (1995 apud HENGELVELD;

MACKENZIE, 2008, p. 60), são “as menores unidades identificáveis do comportamento comunicativo”.<sup>4</sup> Além disso, tais atos podem ser constituídos de no máximo quatro componentes - uma Ilocução (ILL), um Falante ((P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>), um Destinatário ((P<sub>2</sub>)<sub>A</sub>) e um Conteúdo Comunicado (C<sub>1</sub>) - a partir dos quais se podem distinguir três *frames* diferentes de atos:

- (a) (A<sub>1</sub>: [F<sub>1</sub>: ♦ (F<sub>1</sub>)] (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>] (A<sub>1</sub>)), para Atos Expressivos;
- (b) (A<sub>1</sub>: [(F<sub>1</sub>: ♦ (F<sub>1</sub>) (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>1</sub>)), para Atos Interativos;
- (c) (A<sub>1</sub>: [(F<sub>1</sub>: ♦/ILL (F<sub>1</sub>)](P<sub>1</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>1</sub>)] (A<sub>1</sub>)), para Atos de Conteúdo.

As interrogativas de conteúdo constituem Atos Comunicativos, cuja Ilocução Interrogativa incide sobre uma parte do conteúdo do Ato Discursivo, precisamente sobre um Subato Referencial, sendo, então, denominadas de interrogativas de conteúdo ou interrogativas-Q.

Considerando que as interrogativas-Q recorrem a duas principais estratégias de expressão – (i) ordem e (ii) padrões suprasegmentais –, objetiva-se aqui verificar o que desencadeia a posição inicial do elemento-Q, em (07), a construção *in situ*, em (08), e a clivagem, em (09).

- (07) para qual cidade você foi? (Bras80: SupresasFotografia)
- (08) vou ganhar o quê? (Bras80: JogoBicho)
- (09) quanto é que uma empregada de casa de família quer ganhar hoje em dia? (Bras80: CriarFilhos)

Para tanto, tomam-se como universo de pesquisa ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Tal amostragem recebe o nome de “Português oral” e desenvolveu-se no âmbito do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, do qual resultou um *corpus* de amostragens

4 No original: “the smallest identifiable units of communicative behaviour”.

de variedades do português falado em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Macau. Os materiais publicados contêm ainda amostragens do português falado em Goa e em Timor-Leste, recolhidas posteriormente. Para este estudo, selecionaram-se as amostragens referentes às variedades que constituem língua oficial do país, ou seja, a brasileira, a portuguesa, as africanas (de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) e a timorense.<sup>5</sup>

O texto está dividido em cinco partes: (i) na primeira, apresentam-se os pressupostos teóricos; (ii) na segunda, traçam-se considerações gerais a respeito da ordem dos constituintes em Atos Declarativos do português; (iii) a seção três é reservada especialmente para a questão da ordenação dos constituintes interrogados; (iv) já na quarta seção, são tratadas as interrogativas *in situ* e, por fim, (v) à última parte, reservam-se as discussões a respeito da ocorrência de clivagem nessas estruturas interrogativas.

## Pressupostos teóricos

A GDF foi particularmente apresentada em Hengeveld (2004) e em Hengeveld e Mackenzie (2008). Trata-se do componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de comunicação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é uma abordagem funcional-tipológica da linguagem, cujo objetivo geral é descrever e explicar as línguas naturais de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, ou melhor, a GDF pretende estudar o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua com objetivos comunicativos na interação verbal e o grau em que uma descrição linguística é compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na interpretação e na produção das expressões linguísticas.

A GDF provoca, desta forma, sem desconsiderar a Gramática Funcional proposta por Dik (1997a; 1997b), mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas, já que propõe a expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Para tanto, tal modelo gramatical apresenta as seguintes propriedades:

---

<sup>5</sup> Os materiais foram obtidos no endereço [http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/projecto\\_portuguesfalado.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php)

- (a) opera de cima para baixo (organização *top-down*): as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística;
- (b) tem como unidade básica de análise os atos discursivos;
- (c) liga-se a um componente conceitual, contextual e um de produção;
- (d) introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Tais níveis, nessa ordem hierárquica, são interatuantes na organização do modelo da GDF, conforme se observa na Figura 1 abaixo.

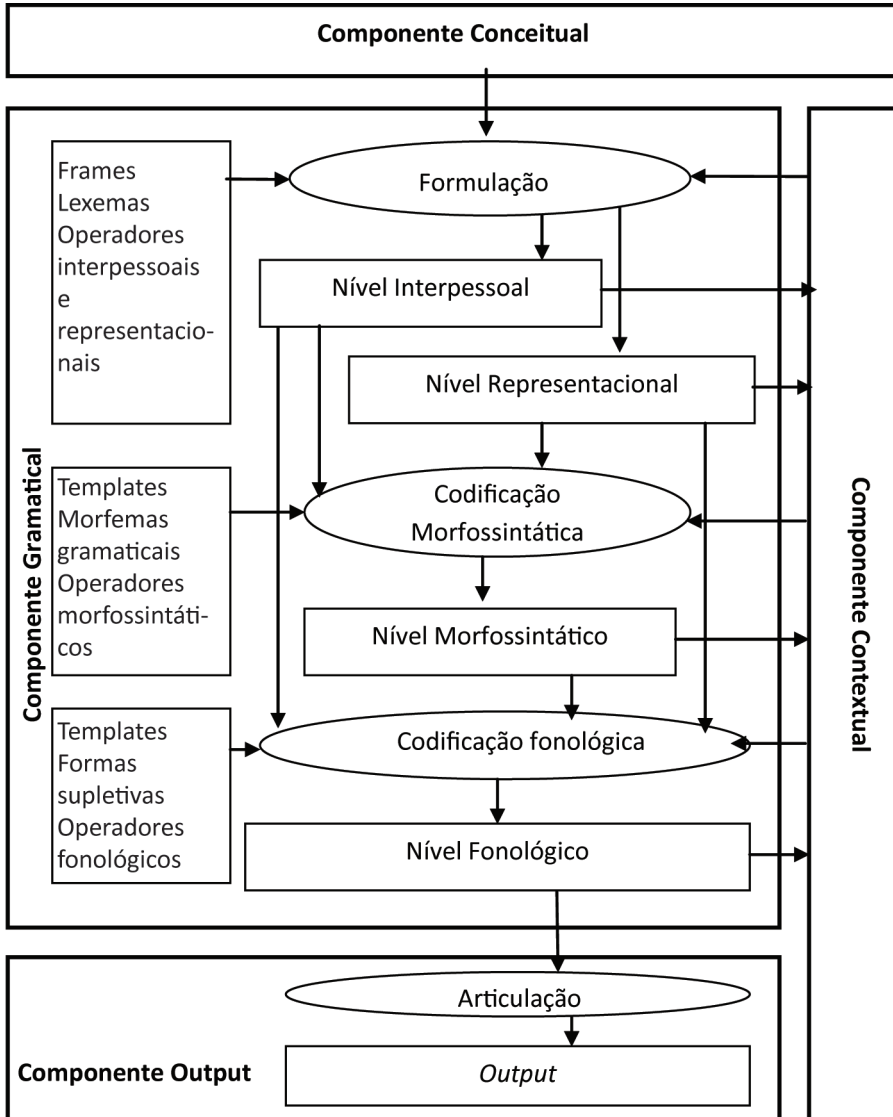
No Nível Interpessoal, todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. Com base na formalização em (10), observa-se que a unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Move* (M). Um *Move* pode conter um ou mais atos discursivos (A). Um ato discursivo consiste em uma Ilocução (F), um ou mais Participantes do ato de fala (P) e o Conteúdo Comunicado (C) apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

$$(10) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

No Nível Representacional, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. As camadas desse nível, disponíveis numa representação formalizada e hierarquicamente organizada em (11), são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (Ep), que são conjuntos de estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação

de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

$$(11) \quad (p_1 : [(ep_1 : [(e_1 : [(f_1) : [(f_2)^n(x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi](f_1)) \dots (f_{1+n})(e_1)_\Phi]) \dots (e_{1+n})_{\{\Phi_1\}}](ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\{\Phi_1\}}](p_1))$$



**Figura 1.** Layout geral da GDF (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13)

O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados por iconicidade, integridade de domínio e pela preservação de relações de escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. Conforme a representação em (12), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (EL), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da EL, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a EL são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

(12)  $(El_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1)]) (El_1))$

O Nível Fonológico, por sua vez, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas a frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias. Em outras palavras, o Nível Fonológico não mostra a “melodia” do Sintagma Entonacional, mas fornece um número de indicações de cada camada que o Componente de Saída converte em um uniforme e fluente resultado.

Sob a luz da GDF, a ordenação de constituintes está relacionada ao Nível Morfossintático, cuja tarefa é tomar o *input* duplo vindo dos níveis Interpessoal e Representacional e fazê-lo emergir numa única representação estrutural, que, por sua vez, se converterá, no Nível Fonológico, num construto fonológico, que será, finalmente, o *input* para o articulador, o Componente de Saída de todo o modelo.<sup>6</sup>

Dada sua sistemática organização *top-down*, a ordenação de elementos começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas

---

<sup>6</sup> Vale, aqui, ressaltar que cada nível da GDF, a grosso modo, corresponde aos níveis de análise linguística: o Nível Interpessoal corresponde à pragmática; o Representacional, à semântica; o Morfossintático, à morfossintaxe e, por fim, o Fonológico, à fonologia.

nos níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e *frames* (esquemas) de predicação. O Nível Morfossintático contém os *templates* de *frames* hierárquicos e não-hierárquicos. Posições obrigatórias nos *templates* para as quais não há material disponível serão preenchidas com elementos vazios (*dummies*).

## Ordenação de constituintes em português

Seguindo Dik (1981), Camacho e Pezatti (1997) defendem a hipótese de que o português brasileiro (doravante PB) é uma língua de ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), derivada diacronicamente do padrão P1 VSO, com colocação de sujeito em P1, de acordo com os princípios de ordenação PE4 e PE5, apresentados em Dik (1997a), o que explica o caráter posposicional de construções apresentativas/existenciais.

PE4 prevê uma posição inicial P1 universalmente relevante, usada para propósitos especiais, incluindo a colocação de constituintes com função de Tópico ou Foco. De acordo com PE5, o sujeito frequentemente ocupa a posição P1, uma vez que é o candidato primário a Tópico-Dado. Isso leva à reinterpretação de P1 como posição não-marcada para o sujeito. Esse processo de reinterpretação produz um novo padrão SVO e desencadeia a criação de uma nova posição P1, já que essa posição é universalmente relevante, resultando então o padrão P1 SVO,<sup>7</sup> conforme demonstra (10).

(13) você pega a carne (Bras80: Macarronada)  
 P1/S V O

Já, de acordo com a GDF (2008), a ordem linear dos elementos dentro da oração é considerada sob duas diferentes perspectivas: a organização hierárquica (ordenação de constituintes não-configuracionais, ou seja, opcionais) e a organização não-hierárquica (ordenação de constituintes configuracionais, ou seja, argumentais) de elementos.

<sup>7</sup> Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 336) preferem usar o termo ‘predicado’ e não ‘verbo’, justificando que há línguas sem uma classe específica de verbos e línguas que, mesmo com uma classe de verbos, usam outras classes (nomes, adjetivos) para funcionar como predicados. Por isso preferem classificar as línguas como predicado-inicial, predicado-medial e predicado-final e não VSO, SVO e SOV, como manda a tradição.



A GDF considera a existência de quatro posições absolutas ( $P^I$ ,  $P^2$ ,  $P^M$  e  $P^F$ ), que não são obrigatórias para todas as línguas, e várias posições relativas derivadas dessas quatro. Assim, as línguas podem fazer uso da posição inicial ( $P^I$ ) e suas expansões para a direita, da segunda posição ( $P^2$ ) e suas expansões para a direita, da posição final ( $P^F$ ) e suas expansões para a esquerda e da posição medial ( $P^M$ ) e suas expansões para a direita, para a esquerda ou para ambas as direções.

A colocação de constituintes na oração começa pelo Nível Interpessoal, com o posicionamento das funções, modificadores e operadores<sup>8</sup> de Moves em lugares apropriados e termina com o posicionamento de operadores e modificadores de Propriedades Configuracionais de estados-de-coisas. Dentro de cada grupo, as funções são expressas antes de operadores e modificadores, uma vez que são externas às unidades às quais se aplicam, obedecendo assim ao princípio de iconicidade das unidades hierarquicamente relacionadas.

No processo de colocação de elementos em posições apropriadas, há três posições já disponíveis,  $P^I$ ,  $P^M$  e  $P^F$ . As duas posições periféricas ( $P^I$  e  $P^F$ ) são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma oração pode conter. As posições relativas ( $P^{I+n}$ ,  $P^{M+/-n}$  e  $P^{F-n}$ ) só podem ser preenchidas quando a posição absoluta já estiver preenchida.

Vários fatores podem interferir na determinação da ordenação de constituintes: fatores relativos às funções pragmáticas e à referenciação associam-se ao Nível Interpessoal; os relacionados às funções semânticas e à designação, ao Representacional; e os relacionados às funções sintáticas e à complexidade estrutural do item linguístico, ao Morfossintático. Interessa-nos para o momento as funções pragmáticas e semânticas:

- a) *funções pragmáticas* expressam as expectativas que o próprio falante tem do estado mental do ouvinte; são aplicadas a partes de uma unidade linguística que são apresentadas ou como salientes, ou como o ponto de partida do falante ou consideradas compartilhadas pelo falante e pelo ouvinte. A GDF considera três tipos de funções pragmáticas: (i) Tópico (atribuída a um Subato não-focal, cuja função é assinalar como

---

<sup>8</sup> Modificadores são estratégias lexicais de atualização de um Núcleo das camadas dos níveis Interpessoal e Representacional. Já funções e operadores são estratégias gramaticais, sendo as funções relacionais, e os operadores aplicáveis a uma única unidade.

o Conteúdo Comunicado se relaciona ao comentário construído gradualmente no Componente Contextual. Essa definição pressupõe a atribuição de Tópico à informação dada, havendo assim uma correlação *default* entre Tópico e informação dada), (ii) Foco (marca a estratégia do falante de selecionar uma nova informação para preencher uma lacuna na informação pragmática do próprio Falante ou do Ouvinte) e (iii) Contraste (assinala o desejo do falante em contrastar as diferenças entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente);

- b) *as funções semânticas* são reflexos gramaticais de consciência cognitiva de que os participantes de um estado-de-coisas desempenham (i) diferentes papéis, (ii) o mesmo papel, ou (iii) nenhum papel no estado-de-coisas. A GDF considera três macro-funções: (i) Ativo (*Actor*),<sup>9</sup> quando a entidade designa um participante que apresenta um papel ativo, (ii) Inativo (*Undergoer*), quando a entidade designa um participante com papel passivo dentro do estado-de-coisas, e (iii) Locativo (*Locative*), quando um constituinte argumental tem a função de localizar o estado-de-coisas.

Se, em uma língua, a ordenação de constituintes é direcionada por funções pragmáticas, a colocação desses constituintes deve preceder a de outros constituintes, e tem preferência pelas posições marginais da oração, como em (14).

- (14) o macarrão eu faço com bastante carne  
 $P^I$   $P^{M-1}$   $P^M$   $P^F$

Em (14), o argumento Inativo *o macarrão* do predicado *fazer* está em  $P^I$ , pois carrega a função pragmática de Tópico, ou seja, o falante, desejando salientar um determinado Conteúdo Comunicado, no caso, o Subato Referencial *o macarrão*, dispõe tal elemento em  $P^I$ , uma posição reservada para elementos pragmaticamente marcados.

<sup>9</sup> Na GDF, as principais funções semânticas são *Actor*, *Undergoer* e *Locative*. Traduzimos *Undergoer* por *Inativo*, já que representa a entidade não-volitivamente afetada pelo estado-de-coisas, e *Locative*, a função semântica tipicamente atribuída a um participante com a categoria semântica *Locação* por *Locativo*. Assim, para manter o paralelismo, preferimos traduzir *Actor* por *Ativo*, embora possa ser perfeitamente traduzido por *Ator*.

Por outro lado, a colocação dos constituintes pode respeitar, também, as funções semânticas, desconsiderando as funções sintáticas, em línguas que admitem a função sujeito e não a função objeto, como o turco e o português. Assim, em turco, o Locativo precede o predicado e é precedido pelo Inativo; na ausência de um Locativo, o Inativo ocupa a posição anterior ao predicado.

No Nível Representacional, as funções semânticas e a designação da categoria semântica desempenham um papel importante na colocação dos constituintes argumentais e menos importante na colocação de predicados, que, por serem núcleos, não apresentam função semântica. No entanto, devemos começar pela colocação do predicado, por duas razões: em primeiro lugar, em muitas línguas a Oração pode consistir apenas no predicado, já que a presença de marcadores referenciais torna supérflua a expressão lexical de argumentos, como na expressão exortativa *Vamos!*. Em segundo lugar, a colocação de certos tipos de argumentos é frequentemente relativa à posição do predicado, conforme veremos adiante.

Mackenzie (2008b), em um estudo a respeito da ordenação de pronomes clíticos no português europeu, defende a hipótese de que é essa língua uma língua de predicado-inicial, com base na ocorrência de pronomes enclíticos, como nos exemplos abaixo:

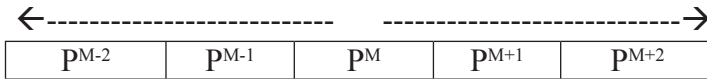
- (15) Convidei-o para almoçar.
- (16) Queremos vê-la.
- (17) Vou-os conhecendo melhor.

Seguindo a GF, o autor considera que a posição P1 deve ser obrigatoriamente preenchida. Desse modo, o português europeu moderno preenche essa posição com o verbo, conforme exemplificam as sentenças de (15) a (17). Já em estruturas de próclise, essa posição é preenchida com os elementos que geram a posição proclítica, ou seja, subordinadores, constituintes-Q, pronomes relativos e coordenadores. Para ele, tais elementos proclisadores ocupam a posição P1 por serem constituintes com a função pragmática de Foco, como (18) e (19), ou Tópico, como (20).

- (18) Sempre te adoro.
- (19) Também se fala Russo.
- (20) Isso te dissemos todos.

Diferentemente de Mackenzie (2008b), postulamos ser o português, principalmente o brasileiro, em que os clíticos praticamente desapareceram, uma língua de predicado-medial, com três posições absolutas ( $P^I$ ,  $P^M$  e  $P^F$ ), necessárias para abrigarem os constituintes das várias camadas e níveis na linearização da oração.

Assim como em Leti (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 343), em português,<sup>10</sup> a ordenação dos *constituintes configuracionais* toma a posição absoluta  $P^M$  e suas posições relativas e apresenta uma orientação centrífuga, começando pelo predicado, posicionado em  $P^M$ , e dirigindo-se, na colocação dos argumentos, à direita e à esquerda, conforme representado graficamente no *Esquema 01*:



**Esquema 01:** Ordenação centrífuga de constituintes configuracionais

A colocação desses constituintes, em sentenças Declarativas, está intimamente relacionada ao Nível Representacional, uma vez que é a função semântica que determina a posição no *template*: Ativo (*Actor*) sempre assume a posição à esquerda, enquanto Inativo (*Undergoer*) e Locativo (*Locative*), a posição à direita. Assim, com propriedades dinâmicas de um, dois e três-lugares, Ativo se coloca antes do predicado, o Inativo, depois, seguido (quando for o caso) do Locativo, como se vê nos exemplos de (21) a (24) e no *Esquema 02*.

- (21) os fluxos migratórios teriam provocado graves consequências ao ambiente (Ang97: Guerra e Ambiente)
- (22) nós, eh, começávamos o trabalho, praticamente entre... dezanove (Ang97:Meninos de Rua)
- (23) ele gesticula muito (Bras80: Bichinho)
- (24) aí começam os desequilíbrios (Ang97: Guerra e Ambiente)

10 Cf. PEZATTI, E. G. *A ordenação de constituintes na lusofonia* (em preparação).

	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$	$P^{M+2}$
(21a)	fluxos migratórios <sub>A</sub>	teriam	provocado	consequências <sub>I</sub>	ao ambiente <sub>L</sub>
(22a)		nós <sub>A</sub>	começávamos	o trabalho <sub>I</sub>	
(23a)		ele <sub>A</sub>	gesticula	muito	
(24a)		aí	começam	os desequilíbrios <sub>I</sub>	

**Esquema 02:** Ordenação e constituintes configuracionais e funções semânticas

(21) a (24) designam estados-de-coisas dinâmicos, já que envolvem algum tipo de movimento, que se constituem a partir de propriedades configuracionais (i) de um-lugar, no caso de (23), em que a variável (f: [gesticular]) seleciona apenas um argumento (x: [ele]) na função semântica de Ativo, e de (24), em que a variável (f: [começar]) seleciona um único argumento ( $x_1$ : [os desequilíbrios]) na função de Inativo; (ii) de dois-lugares, no caso de (22) em que a variável (f: [começar]) seleciona dois argumentos, ( $x_1$ : [nós]) na função de Ativo e ( $x_2$ : [o trabalho]) na função de Inativo; e, por fim, (iii) de três-lugares, como (21), em que a variável (f: [provocar]) seleciona três argumentos, ( $x_1$ : [fluxos migratórios]) na função de Ativo, ( $x_2$ : [consequências]) na função de Inativo e ( $x_3$ : [ao ambiente]) na função de Locativo. Podemos perceber que o elemento com a função Ativo mantém-se à esquerda do predicado, ocupando, assim, a posição  $P^{M-2}$ , no caso de (21), ou  $P^{M-1}$  no caso de (22) e (23). Já o constituinte com a função de Inativo, em (21), (22) e (24), permanece à direita do predicado, ocupando a posição  $P^{M+1}$ . Por fim, o constituinte com a função de Locativo coloca-se à direita do predicado na posição  $P^{M+2}$ , depois do Inativo, como se observa nos *templates* acima.

No entanto, com propriedades não-dinâmicas de um lugar (cf. (25)), propriedades relacionais (cf. (26)) e construções de classificação (cf. (27)), que obviamente não dispõem de elemento com função semântica de Ativo, o Inativo ocupa a posição  $P^{M-2}$ , e a cópula é inserida imediatamente antes do predicado:

- (25) o terreno da fazenda era muito grande (Bras80: Fazenda)
- (26) e a mesa era de quatro pessoas (Bras80: Bichinho)
- (27) isso é um cataclismo mesmo (Ang97: Guerra e Ambiente)

	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$
(25a)	o terreno da fazenda <sub>1</sub>	era	muito grande
(26a)	a mesa <sub>1</sub>	era	de quatro pessoas
(27a)	isso <sub>1</sub>	é	um cataclismo

**Esquema 03:** Ordenação de constituintes em estados-de-coisas não-dinâmicos

Já em construções de identificação, como as duas unidades semânticas representam modos alternativos de visão da mesma entidade, não há relação de atribuição de propriedade, por isso nenhuma unidade semântica contrai função semântica,<sup>11</sup> conforme exemplificado em (28). Nesses casos, é a palavra verbal (a cópula) que ocupa a posição medial obrigatória, e a unidade semântica a segue, em  $P^{M+1}$ , conforme se observa no *template*, disposto no *Esquema 04*.

(28) direito é o instrumento do estado (Bras87: EconomiaSociedade)

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(28a)	o direito	é	o instrumento do estado

**Esquema 04:** Ordenação de constituintes em construções de identificação

Do mesmo modo, construções existenciais são caracterizadas por conterem somente uma unidade semântica sem função semântica, uma vez que não é o argumento de nenhum predicado,<sup>12</sup> conforme exemplifica (29), em que *outro calor humano* não tem função semântica (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 206). Nesses casos, também é a palavra verbal que ocupa a posição medial, e a unidade semântica a segue, em  $P^{M+1}$ .

(29) há outro calor humano (PT95: GrandesCidades)

	$P^M$	$P^{M+1}$
(29a)	há	outro calor humano

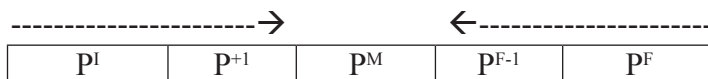
**Esquema 05:** Ordenação de constituintes em construções existenciais

11 No Nível Interpessoal há dois Subatos de Referência, relacionados à mesma entidade.

12 No NI caracteriza-se por um Conteúdo Comunicado contendo um único Subato de Referência.

Resumindo, a ordenação de constituintes configuracionais é governada por fatores de ordem semântica a depender do tipo de construção que tais constituintes integram (propriedade de um, dois, três-lugares, relacional, existencial, de identificação ou de classificação) e da função semântica que exercem dentro dessa construção (Ativo, Inativo ou Locativo).

Os constituintes *hierarquicamente ordenados*, por outro lado, geralmente assumem posições periféricas (P<sup>I</sup> e P<sup>F</sup>), com orientação centrípeta, a depender de determinações dos níveis Interpessoal e Representacional, que alinham a posição no Nível Morfossintático, conforme representado graficamente no *Esquema 06*:



**Esquema 06:** Ordenação centrípeta de constituintes hierárquicos

Conforme demonstra Pezatti (2007; 2009), a linearização dos modificadores em português é determinada pelas relações de escopo das camadas nos níveis Representacional e Interpessoal. Esses tipos de relações semânticas desencadeiam o *template* apropriado de posições no Nível Morfossintático, observando-se que constituintes mais altos na hierarquia ocupam posições periféricas (P<sup>I</sup> e P<sup>F</sup>). A posição absoluta P<sup>I</sup> e suas posições relativas são reservadas para constituintes das camadas do Nível Interpessoal e da camada mais alta do Nível Representacional, a do conteúdo proposicional, conforme exemplificam (30) e (31); já a posição absoluta P<sup>F</sup> e suas posições relativas são reservadas para constituintes hierárquicos das camadas mais baixas do Nível Representacional, como demonstram (32) e (33) respectivamente.

- (30) a mulher **evidentemente** está sempre com medo de perder o seu homem, não é (PT96: BomSensoRosto)
- (31) (gente) que **evidentemente** nunca chegou a ser padre (Ang97: EnsinoAngola)
- (32) isso acontece **muito poucas vezes comigo** (To-Pr96: Costureira)
- (33) os bebês vinham **lentamente** (CV95: ColherPanela)

	$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{M-2}$	$P^{M-1}$	$P^M$
(30a)	a mulher	evidentemente	está	sempre	com medo de perder o seu homem

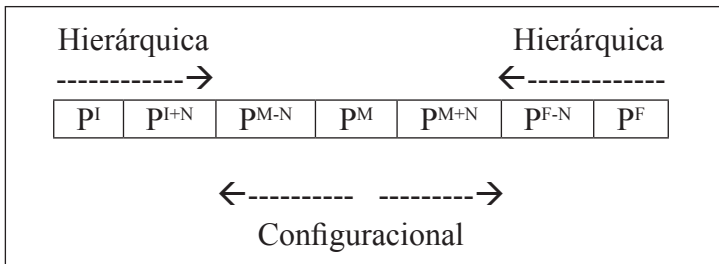
	$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{M+1}$
(31a)	que	evidentemente	Nunca	chegou	a ser padre

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^{F-1}$	$P^F$
(32a)	isso	acontece	muito poucas vezes	comigo

	$P^{M-1}$	$P^M$	$P^F$
(33a)	os bebês	vinham	lentamente

**Esquema 07:** Ordenação de constituintes hierárquicos em português

Há assim, em português, uma nítida separação entre a ordenação hierárquica e a configuracional: a hierárquica é centrípeta, começando pelas margens da Oração, já a ordenação configuracional é centrífuga, iniciando pelo predicado. Isto pode ser representado graficamente como segue:



**Esquema 08:** Ordenação de constituintes em português

## Interrogação e posição de constituintes

No Nível Interpessoal, Ilocuções Interrogativas indicam que o Falante requer uma resposta do Ouvinte para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado; em outras palavras, ele solicita uma resposta do Ouvinte para preencher uma lacuna de informação existente em sua (do falante) informação pragmática (cf. DIK, 1997a). Essa resposta pode se referir a todo o



Conteúdo Comunicado (Interrogativa Polar), conforme (34), ou a um Subato (Interrogativa de Conteúdo), como (35).

(34) - e você não acha pior isso? (Bras80: MuitoIguaisDiferentes)

(35) qual é o país que mais produz esse tipo de candeeiros?  
(PT95:SaberVender)

A Interrogativa de Conteúdo (ou Interrogativa-Q) está relacionada à identificabilidade do referente, conforme veiculada pelo Falante. Identificabilidade envolve dois aspectos: o primeiro relaciona-se à concepção do Falante sobre a identificabilidade do referente pelo Ouvinte. Isso se refletirá nos operadores {+id, -id} para identificável e não-identificável respectivamente. O segundo, por sua vez, relaciona-se à indicação pelo Falante da identificabilidade do referente para si próprio. Isso se refletirá nos operadores {+s, -s} para específico e não-específico.

Em interrogativas-Q, o item interrogado é sempre marcado como {+id, -s}, ou seja, identificado pelo Ouvinte, mas não especificado para o Falante. Assim, no Nível Interpessoal, o Subato Referencial (R), marcado {+id, -s}, será expresso por meio de palavra-Q e entonação apropriada, sob a influência da Ilocução INTER, como representado em (36).

(36) (+id -s R)

Para Mackenzie (2008a), as interrogativas de conteúdo codificam categorias semânticas distintas, que se enquadram numa escala que vai do mais concreto ao mais abstrato: indivíduo(x) > locação(l) > tempo(t) > modo(m) > quantidade(q) > razão(r). Dessa forma, ao ser selecionada, no Nível Representacional, uma determinada categoria semântica, será selecionado, no Nível Morfossintático, uma palavra gramatical (pronome ou pró-advérbio interrogativo) que corresponda a tal categoria. Em português, há a seguinte correspondência, exemplificadas respectivamente de (37) a (43).

<b>Categoria semântica</b>	<b>Expressão Morfossintática</b>
Indivíduo (x)	que, o que, qual, quem
Locação (l)	onde
Tempo (t)	quando
Modo (m)	como
Quantidade (q)	quanto
Razão (r)	por que

**Esquema 09:** Categorias semânticas codificadas pelas interrogativas-Q

- (37) *quem* cozinha, você ou seu marido? (Bra80:A Macarronada)  
 (38) *quando* isso vai se dar? (Bras80:EconomiaSociedade)  
 (39) *quantos* anos tinha? (Ang97: JovemGaspar)  
 (40) *por que* o samba não podia? (Bras80:MundoDireito)  
 (41) *onde* é que aprendeu a coser? (To-Pr96: Costureira)  
 (42) *como* vão fazer para recomeçar? (CV95: IlhaFogo)  
 (43) *para quê* queres aquilo? (GB95: JuventudeGuineense)

Em (37) o constituinte interrogado (*quem*) é um indivíduo (x), na posição de núcleo, com função semântica Ativo, de um estado-de-coisas dinâmico, que designa uma propriedade de um lugar; em (38), a categoria tempo (t = *quando*) ocupa a posição de modificador de um estado-de-coisas dinâmico de um lugar, e *por que* (r = razão), em (43), ocupa a posição de modificador de um estado-de-coisas não dinâmico de um lugar; em (39), por outro lado, a categoria semântica quantidade (q = *quantos*) funciona como um operador de tempo (t), num estado-de-coisas não-dinâmico de um lugar. Já em (41), (42) e (43), *onde*, *como* e *para que* são respectivamente modificadores Locação, Modo e Propósito de estados-de-coisas dinâmicos.

Os exemplos mostram que o elemento interrogado, independentemente da categoria semântica (x, l, t, m, q ou r) e do estatuto (núcleo, modificador ou operador), em estados-de-coisas que designam propriedades dinâmicas e não-dinâmicas, posiciona-se no início da oração, ou seja, assume a posição P<sup>l</sup>, reservada para constituintes das camadas mais altas. Elementos interrogados constituem naturalmente um Subato, Atributivo (T) ou Referencial (R), que é comunicativamente saliente e sinaliza a seleção estratégica do falante de informação nova; em outras palavras, veiculam a função pragmática Foco, o

que lhes permite assumir a posição reservada para constituintes mais altos na hierarquia. Isso demonstra que o peso da função pragmática sobrepuja o das categorias do Nível Representacional. Assim, para cada sentença em (37) – (43), temos respectivamente os seguintes *templates*.

(37a)	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>		
	quem	cozinha	você ou seu marido?		
(38a)	P <sup>I</sup>	P <sup>M-3</sup>	P <sup>M-2</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>
	quando	isso	vai	se	dar?
(39a)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>		
	quantos	anos	tinha?		
(40a)	P <sup>I</sup>	P <sup>M-2</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	
	por que	o samba	não	podia?	
(41a)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>	
	onde	é que	aprendeu	a cozer?	
(42a)	P <sup>I</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>	
	como	Vão	fazer	para recomeçar?	
(43a)	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>		
	para que	queres	aquilo?		

**Esquema 10:** Ordenação de elementos-Q

No entanto, quando o elemento interrogado constitui um Subato Atributivo no Nível Interpessoal, correspondente a uma unidade semântica do Nível Representacional com função semântica e a uma propriedade em *frames* relacionais,<sup>13</sup> ocorre inversão na posição dos constituintes configuracionais, indo o elemento interrogado para P<sup>I</sup> e o único argumento, com função

13 Em Propriedades relacionais o Subato Atributivo no Nível Interpessoal corresponde a uma unidade semântica que em si carrega uma função semântica. Designam estados-de-coisas não-dinâmicos e o único argumento é um Inativo.

Inativo, posicionando-se em  $P^{M+1}$ , já que a palavra verbal ocupa a posição obrigatória  $P^M$ . (44) e (45) exemplificam esses casos: *como* designa a categoria semântica modo (m) e *onde*, a categoria semântica lugar (l) de propriedade relacional, como mostram os exemplos. Os *templates* estão representados em (44a) e (45a), respectivamente.

(44) como foi esse acidente? (Bras80: Acidente)

(45) onde é o banco? (Bras80: SurpresasFotografia)

	$P^l$	$P^M$	$P^{M+1}$
(44a)	como	foi	esse acidente?
(45a)	onde	é	o banco?

### Esquema 11: Ordem VS em Interrogativas-Q

(44b) e (45b), por outro lado, demonstram que a ordem canônica nesse tipo de estrutura fica no mínimo estranha; o que não se pode dizer de (46), que constitui uma propriedade dinâmica (cf. 46a). Isso indica que a ordenação dos constituintes configuracionais nas interrogativas-Q está relacionada ao tipo de *frame* da predicação.

(44b) ?como esse acidente foi?

(45b) ?onde o banco é?

(46) quanto é que ganha uma empregada? (Bras80: CriarFilhos)

(46a) quanto é que uma empregada ganha?

## Interrogação *in situ*

Há, entretanto, ocorrências como (47), cujo constituinte interrogado permanece na posição canônica de orações Declarativas, o que, em princípio, parece contrariar a regra de colocação de elementos focais em  $P^l$ , já que o argumento ou modificador permanece na posição pós-predicado, ou *in situ*, própria de Declarativas, conforme (47a-b).

- (47) a. vou ganhar **o quê?** vou perder! (Bras80: JogoBicho)  
 b. perde a virilidade **porquê?** acho que isso não faz r[...], sentido.  
 (PT96:BomSensoRosto)

Esse tipo de estrutura comumente constitui perguntas retóricas, quer dizer, não se trata de uma busca de informação nova para preencher uma lacuna existente na informação pragmática do Falante, mas sim uma estratégia discursiva do Falante com o objetivo de conseguir uma atenção especial do Ouvinte para um determinado Subato Referencial. Além disso, tais estruturas são comuns em monólogos, como aulas, palestras, em que o falante toma o ato enunciativo sem abrir a possibilidade de troca de turnos; a ocorrência das interrogativas-Q, nesse caso, subordina-se, portanto, a uma estratégia interativa e discursiva de busca da atenção do Ouvinte para a informação que segue.

Nesse caso, no Nível Interpessoal, o Subato Referencial dessas interrogativas deve ser marcado pelo operador  $\{-id, +s\}$ , ou seja, não identificável para o Ouvinte, mas específico para o Falante, como representado em (48).

- (48)  $(-id +s R)$

Trata-se, na verdade, da atribuição de Ênfase a um Subato Referencial, que deve, então, ser representado como em (49). O uso do operador de Ênfase vai refletir no Nível Morfosintático na preservação da posição *in situ*.<sup>14</sup> Dessa forma, tem-se o *template* em (48a-b). O que queremos afirmar com isso é que as Interrogativas *in situ* com operador  $(-id+s R)$  constituem, na verdade, construções enfáticas.

- (49)  $(emph -id +s R)$

	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>	P <sup>F</sup>
(47a)	vou	ganhar	o quê?	
(47b)		perde	a virilidade	porquê?

### Esquema 12: Ordenação *in situ* das Interrogativas-Q

O uso de Q-*in-situ*, entretanto, não se restringe somente a monólogos, podendo ocorrer, também, com menor frequência em pares dialógicos de

<sup>14</sup> O operador de Ênfase é atribuído ao Subato para o qual o Falante deseja conseguir atenção especial.

pergunta-resposta. Nessas construções interrogativas, o Subato Referencial, que é identificado pelo Ouvinte, mas não-específico para o Falante, portanto (+id –s R), permanece *in situ*, tal como exemplifica (50), cujo *template* encontra-se em (48):

- (50) - e escuta, os pais da senhora, *eles faziam o quê?*  
 -> meu pai é funcionário público (Bra80:Viver com os outros)

(50)	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
	eles	faziam	o quê?

### Esquema 13: Qu-*in-situ* em contextos dialógicos

Produzida em um contexto diferente das interrogativas *in situ*, ou seja, num par dialógico de pergunta-resposta, e não em monólogos, essa interrogativa *in situ*, além da busca de uma informação, constitui, nos termos de Dik (1997a), uma estratégia de introdução de Tópico Novo, já que o Falante apresenta pela primeira vez a entidade sobre a qual se desenvolverá o discurso.

## Interrogação e Clivagem

Há um número muito grande de ocorrências, como (51), em que o falante procura enfatizar um constituinte já focalizado. Há, assim, no Nível Interpessoal, uma estratégia de atribuição da função pragmática Foco, já que há um Subato Referencial identificado pelo Ouvinte, mas não especificado para o Falante, portanto marcado como {+id, –s}, bem como de Ênfase, já que há o desejo do Falante de conseguir especial atenção para este constituinte Focal. Essas duas estratégias manifestar-se-ão duplamente no Nível Morfossintático: por meio de palavra-Q colocada em P<sup>I</sup>, seguida da expressão *é que*.

Assumimos, então, que o expletivo *é que*, nesses casos, constitui um operador de Ênfase na camada do Subato. Esse expletivo (*é que*) pode acompanhar qualquer tipo de categoria semântica do Nível Representacional (indivíduo, modo, lugar, tempo, quantidade, razão), conforme (50) respectivamente, bem como funções semânticas, como propósito em (52). É interessante observar que a grande maioria desse tipo de estrutura ocorre com as categorias de Modo (44,5%) e Indivíduo (38,6%). Deve-se notar

ainda que o expletivo pode se manifestar por meio apenas de *que*, conforme revela (53).

- (51) a. *de quem é que* era o aniversário? (Bras93: FestaEstudante)  
 b. *como é que* conheceu o seu marido? (PT97:NamoroOutrosTempos)  
 c. *onde é que* está minha querida? (PT94: AmassarCozer)  
 d. *quando é que* eles vão viver a sua vida...? (PT95:VidaEstudante)  
 e. *quanto é que* ganha uma empregada? (Bras80: CriarFilhos)  
 f. *por que é que* gostou mais deste do que dos outros?  
 (PT97:NamoroOutrosTempos)

- (52) *para que é que* eu quero mais gente? (PT97:SerPastor)

- (53) *como que* é o relacionamento de vocês duas com a sua irmã mais nova? (Bras80: MuitoIguaisDiferentes)

O *template* desse tipo de estrutura encontra-se em (53), com exceção de (50) e (51), que, por serem diferentes, têm seus *templates* representados respectivamente em (54) e (55).

(51a)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
a	de quem	é que	era	o aniversário?
b	como	é que	conheceu	seu marido?
c	onde	é que	está	minha querida?
d	quanto	é que	ganha	uma empregada?
e	por que	é que	gostou	mais deste do que dos outros?

(51b)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M-2</sup>	P <sup>M-1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
	quando	é que	eles	vão	viver	a sua vida?

(52)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M-2</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
	para que	é que	eu	quero	mais gente?

É claro que, se houver algum constituinte mais alto na hierarquia, como, por exemplo, operador ou modificador de Move e de Ato, ele assumirá

a posição P<sup>I</sup> e empurrará o constituinte-Q para a posição P<sup>I+1</sup>, e o expletivo, para a posição P<sup>I+2</sup>, como mostra (54):

	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>I+2</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M</sup>
(54)	mas	por que	é que	gostou	mais deste do que do outro?

**Esquema 14:** *Template* de Interrogativas Clivadas

Outro caso de interrogação que merece atenção especial refere-se às interrogativas-Q exemplificadas em (55) e (56):

(55) *qual* é a garota **que** não recebe uma cantada? (Bra80: CriarFilhos)

(56) *qual* é a... parcela da sociedade **que** tem di[...], realmente direito na nossa sociedade? (Bra87: EconomiaSociedade)

Essas ocorrências podem ser interpretadas de duas maneiras: (i) no primeiro caso, a expressão ‘é que’ é entendida como marca de clivagem e, então, configura-se como um caso de Interrogativa-Q enfática, com função pragmática Foco, marcada pela posição do elemento-Q em P<sup>I</sup>, e a ênfase, pelo expletivo *é...que*; (ii) outra interpretação possível é considerar essa estrutura uma construção de identificação, em que as duas unidades semânticas representam modos alternativos de visão da mesma entidade. Não há relação de atribuição de propriedade, por isso nenhuma unidade semântica contrai função semântica. Nesse caso, a segunda unidade semântica (*garota* em (55) e *parcela* em (56)), é especificada por uma oração relativa, sendo ‘que’ um pronome relativo e não mais um expletivo. Cada uma dessas interpretações terá, no arcabouço da GDF, representação morfossintática distinta.

## Considerações finais

A partir dessas considerações, podemos afirmar que cada construção de interrogativa de conteúdo revela estratégias diferentes por parte do falante, uma vez que:

(i) a colocação em P<sup>I</sup> do elemento Q manifesta a função pragmática Foco;



- (ii) a construção *in situ* configura uma estratégia discursiva do falante para chamar atenção sobre um constituinte específico para ele mas não identificado pelo Destinatário; constitui, portanto, uma construção enfática; e
- (iii) um constituinte Foco pode ainda ser enfatizado por meio de clivagem.

Como se vê, fenômenos linguísticos podem ser explicados de uma forma psicológica e pragmaticamente adequada dentro de um quadro teórico e metodológico mais amplo, em que expressões linguísticas são vistas como manifestações da intenção do falante e, assim, como fatos da língua em uso. Em outras palavras, um fenômeno tipicamente morfossintático, como a ordenação de constituintes e a ocorrência de clivagem em estruturas de interrogativas-Q, é motivado por fatores de ordem semântica, e principalmente de ordem pragmática, que se refletem na morfossintaxe. Há assim, o que a GDF denomina alinhamento entre o nível Morfossintático e os níveis Representacional e Interpessoal.

PEZATTI, Erotilde Goreti; FONTES, Michel Gustavo. The content interrogatives in the varieties of spoken Portuguese. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 171-197, 2010.

**ABSTRACT:** *This paper refers to content interrogative acts, usually called Wh-questions. Following a functional perspective of language and the Functional Discourse Grammar's theoretical and methodological principles, we want to explain the different structures assumed by the Wh-questions taking as basis the alignment between the encoding of this structure in the Morphosyntactic and Phonological levels and the formulations happened in the Interpersonal and Representational levels, focusing on the Wh-element ordering. To do so, we have a material composed by representative texts of spoken Portuguese in Portugal, Brazil, African countries (those that have the Portuguese language as the official one) and East Timor.*

**KEYWORDS:** *Functionalism. Wh-questions. Word Order. Clifting.*

## Referências

CAMACHO, R. G.; PEZATTI, E. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 191-214, 1997.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part I: The structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar**. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

\_\_\_\_\_. The interaction of subject and topic in Portuguese. In: BOLKSTEIN, A. M. et al. (Orgs.). **Predication and Expression in Functional Grammar**. New York: Academic Press, 1981.

DUARTE, M. E. L. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-Qu no português do Brasil. **DELTA**, São Paulo, vol. 08, n. Especial, p. 37-52, 1992.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, N. de los A. (Eds.). **A new architecture for Functional Grammar**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 01-21.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KATO, M. et al. As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos**. Vol. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 309-374.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MACKENZIE, J. L. Content interrogatives in a sample of 50 languages. **Lingua**, v. 119, p. 1131-1163, 2008a.

\_\_\_\_\_. The contrast between pronoun position in European Portuguese and Castilian Spanish: an application of Functional Grammar. In: GÓMEZ GONZÁLEZ, J. L.; MACKENZIE, J. L.; GONZÁLEZ-ÁVAREZ, E. M. (Orgs.) **Currents Trends in Contrastive Linguistics: Functional and Cognitive Perspectives**. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 2008b. p. 51-75.

MIOTO, C. Construções interrogativas: elementos para uma análise do português do Brasil. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 17, p. 39-64, 1989.

\_\_\_\_\_. As interrogativas no português brasileiro e o critério WH. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 19-33, 1994.

\_\_\_\_\_; FIGUEIREDO SILVA, M. C. WH QUE = WH É QUE? **DELTA**, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 301-311, 1995.

\_\_\_\_\_; KATO, M. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. **Revista da ABRALIN**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, 2005.

PEZATTI, E. G. Ordering of representational level adverbial modifiers in spoken brazilian portuguese. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 293-315, 2007.

\_\_\_\_\_. A Ordenação dos modificadores adverbiais do nível representacional no português falado europeu. **Lingüística**, Madrid, v. 21, p. 1-18, 2009.

SIKANSI, N. S. **A estrutura das sentenças com pronome interrogativo no português brasileiro atual**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.